

com o drama seu contemporâneo. Reflete ainda sobre o conceito cristão de *katharsis* e *mimesis*, em contraste com o drama na obra do padre capadócio (p. 699). Por fim, no estudo “*Paximathium*: traçando o caminho de uma tipologia de pão” (pp. 719-745), Paula Barata Dias, “através da análise dos testemunhos documentais gregos e latinos”, procura reconstituir a história do contexto cultural, económico e social da criação, divulgação e mobilidade do *paximathium* pelo espaço mediterrânico da Antiguidade Tardia e do mundo pós-romano (p. 719).

Em resumo, a organização primorosa, o indiscutível rigor científico e a abrangência temática dos estudos que compõem esta miscelânea fazem dela um valioso instrumento de reflexão sobre vertentes diversas das línguas, literaturas e culturas grega e latina, o qual muito honra o respeitável percurso académico da ilustre helenista Maria de Fátima Sousa e Silva.

Emília M. da Rocha Oliveira

emilia.oliveira@ua.pt

ORCID: 0000-0002-8433-9129

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38182

Frederico Lourenço & Susana Marques (coords.), *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva – Volume II*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022, 647 pp. [ISBN: 978-989-26-2144-9; ISBN Digital: 978-989-26-2145-6; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2145-6>].

O volume em recensão, o segundo da *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva*, e cuja coordenação científica se mantém a cargo de Frederico Lourenço e Susana Marques, colige um impressionante conjunto de trinta textos oferecidos à insigne filóloga clássica por ocasião da sua jubilação.

O critério de organização continua a ser o temático. Assim, dedicado à Idade Média (pp. 9-42), o primeiro bloco de estudos abre com o texto “*Ὁ λόγος τῆς ἱστορίας*: Ana Comnena e a narração da história” (pp. 11-25), de Mário de Gouveia, em que o A. se propõe “apresentar um conjunto de reflexões sobre a escrita da história no Império Bizantino durante o século XII”, a partir da análise do prólogo de *Alexiada*, “um dos mais importantes testemunhos da literatura bizantina da época Comnena”, composto “com o intuito de nos contar as ações do imperador Aleixo I Comneno (1081-1118).” (pp. 12-13). Logo depois, em “A Corte de Avis e a europeização de Portugal: O Infante D. Pedro” (pp. 27-42)”, Nair de Castro Soares

reflete aturadamente sobre “a riqueza de pensamento e de ação de D. Pedro”, filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, “um verdadeiro homem da cultura do seu tempo, que se impõe ainda hoje como testemunho e referência de europeização e universalidade.” (pp. 40-41).

Segue-se um admirável conjunto de estudos que têm como pano de fundo o Humanismo (pp. 43-154). Aires Pereira do Couto, no texto subordinado ao tema “Reminiscências da *Arte Poética* Horaciana na obra do Humanista Inácio de Moraes” (pp. 45-64), dá a conhecer “as várias reminiscências horacianas e os seus ecos ao longo da obra de Inácio de Moraes”, mostrando “como este soube usá-las para dar maior brilho aos seus textos.” (p. 45). Luís Miguel Henriques examina “A etopeia ou a criação de carácter de um herói – D. João de Castro – de matizes clássicas na historiografia e na épica do século XVI” (pp. 65-86), identificando, sempre que possível, “a ascendência da historiografia clássica” (pp. 65-66). Em “Retórica em palco: o espaço performativo na agenda política da *Tragicomédia do rei Dom Manuel*” (pp. 87-99), Margarida Miranda estuda a *Tragicomédia do rei Dom Manuel*, ou *Tragicomédia da Descoberta e Conquista do Oriente*, do jesuíta António de Sousa, cuja representação foi preparada para receber a visita a Lisboa de Filipe III de Espanha, como “um exemplo de como o ‘lugar’ se converteu em personagem, para que o Reino defendesse com mais eficácia persuasiva os seus interesses” (p. 87) e desejos independentistas. Já Carlota Miranda Urbano, no estudo “Da utilidade e dignidade da Poesia: o discurso latino de Francisco de Mendonça SJ em louvor da poesia” (pp. 101-117), perlustra a *oratio In laudem poeticae*, parte integrante dos discursos que compõem o Livro VI, *Flores Eloquentiae*, do *Viridarium Sacrae ac Prophanæ eruditionis* (Lyon, 1631), do célebre jesuíta. André Simões, no artigo ““Trionfi da tavola” e poemas açucarados no Paço Ducal de Vila Viçosa” (pp. 119-134), apresenta “parte de uma coleção de 24 poemas latinos compostos por jesuítas ligados ao Colégio de Évora, nos finais da década de 1620, em honra de D. João, duque de Barcelos, futuro D. João IV, seu pai D. Teodósio, duque de Bragança, e seus irmãos D. Duarte e D. Alexandre” (p. 119), identificados pelo A. no códice 51-IX-4, depositado na Biblioteca Nacional da Ajuda. Em “O culto de Rainha Santa Isabel em Aragão. *Historia, y Vida de Santa Isabel, Reyna de Portugal, y Infanta de Aragon* de Juan Carrillo – a influência de Pedro Perpilhão” (pp. 135-154), Helena Costa Toipa examina a influência da obra composta em meados do século XVI, em Coimbra, pelo padre jesuíta português – *Laudationis in Beatam Elisabetham Lusitaniae Reginam Orationes libri três* e *De Vita et Moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae* – na composição da biografia da Rainha Santa Isabel levada a cabo pelo franciscano de Saragoça e publicada em 1616.

Compõe-se de dezanove estudos em torno da “Receção dos Clássicos” o bloco temático seguinte (pp. 155-583). No primeiro, “Sobrevidas Brasileiras de Orfeu” (pp. 157-176), Maria Aparecida Ribeiro propõe-se “mostrar as sobrevividas de Orfeu surgidas no Brasil durante os séculos XX e XXI”, a saber: “a peça de Vinicius de Moraes, o filme de Cacá Diegues, o samba-enredo do G.R.E.S. Unidos do Viradouro e o folheto de cordel de Apolônio Alves dos Santos.” (p. 157). Igualmente sobre a fortuna da figura mítica de Orfeu na arte e na literatura, o estudo de Rómulo Pianacci, “Seis autores em búsqueda de um personaje: El mito de Orfeo. Tradición y relecturas desde América Latina” (pp. 177-195), desenvolvido no âmbito do projeto *La Tradición Clásica en América Latina: Teatro y Cine*, da Universidad Nacional de Mar del Plata e da Universidad del Centro de la Provincia de Buenos Aires, rastreia os antecedentes da personagem na tradição clássica e analisa o texto dramático de Vinicius de Moraes, *Orfeo de la Concepción*. Em “Esponsais linguísticos: Machado e Rosa” (pp. 197-216), Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa procura conjugar dois autores tidos habitualmente como díspares”, unindo o conto “O cônego ou a metafísica do estilo”, de Machado de Assis, e um pequeno excerto de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Tomando como ponto de partida para a reflexão o artigo “Elementos visuais e pictóricos na tragédia de Eurípides” (1985), de Maria de Fátima Sousa e Silva, a A. pretende “propor, em textos brasileiros, coincidências no uso de estratégias poéticas antigas.” (pp. 197-198). No ensaio “*Andam faunos pelos bosques*: erudição clássica num “faceto discorrer” sobre o “génio da espécie”” (pp. 217-248), Maria José Ferreira Lopes reflete sobre a “convergência da herança cultural pagã e cristã” na obra de Aquilino Ribeiro publicada em 1926 enquanto “tópico crucial na tentativa aquiliniana de conciliar Eros e Cristo” (p. 217). O trabalho de Lucía P. Romero Mariscal, “Horace and Ovid in Matthew Lewis’s *The Monk* (1796)” (pp. 249-273), consiste na primeira análise completa da receção de dois poemas na novela gótica de Matthew Lewis, *The Monk*, influenciados pela poesia latina augustana: a imitação prefacial da *Epístola* 1.20 de Horácio e o poema inserto “Love and Age”, que recupera um poema da *Anacreonteia*, expandindo-o consideravelmente através do uso de alguns passos célebres de Horácio, uma vez mais, e de Ovídio (p. 249). O estudo de Lucía P. Romero Mariscal, “Nathaniel Hawthorne, Narrative Empathy and the *Odyssey*: A Reading of “Wakefield” As an Empathic Exploration of a Modern Odyssey” (pp. 275-288), apresenta-se como uma nova leitura do relato de Nathaniel Hawthorne, “Wakefield”, com base nas abordagens metodológicas derivadas dos estudos de narratologia e, em particular, dos estudos de “empatia narrativa”, tal como a explica Keen. A A. foca-se nas diversas técnicas narrativas usadas pelo autor do conto para suscitar nos seus leitores uma resposta empática para com o

protagonista, detendo-se nas referências culturais à *Odisseia* que permitem que “Wakefield” seja lido como uma *Odisseia* moderna (p 276). O texto de Concepción López Rodríguez, “El edén perdido” (pp. 289-309), pretende “celebrar el impulso creativo que Grecia dio a un poeta destacado de la Generación del 27 española, Luis Cernuda.” A A. perscruta na obra poética *La Realidad y el Deseo* e no livro de poemas em prosa *Ocnos* os ecos clássicos que concorrem para a configuração mítica do espaço poético cernudiano (pp. 289-290). Já Fiona Macintosh, em “Re-reading Euripides’ *Bacchae* through performance at the end of the nineteenth and into the twenty-first centuries” (pp. 311-339), analisa a recuperação que *As Bacantes* de Eurípides conheceram no final do século XIX e início do século XX, quando a peça, através de receções indiretas e popularizadas do coro das Ménades, se tornou mais acessível, depois de séculos votada ao esquecimento (pp. 311-312). Em “Antígona, um mito de exílio no teatro português e espanhol do século XX” (pp. 341-367), Carlos Morais reflete sobre o modo “como António Sérgio (*Antígona: Drama em três atos*, 1930), José Bergamín (*La sangre de Antígona*, 1955), María Zambrano (*La tumba de Antígona*, 1967) e José Martín Elizondo (*Antígona entre muros*, 1969-1988; *Pour la Grèce*, 1970-1971), partindo do arquétipo sofocliano, transformaram o mito de Antígona em símbolo de luta e resistência de todos os que, como eles, foram obrigados, por razões políticas, a partir para o exílio, vivendo desenraizados e amargurados, longe da pátria que sentiam, mas não viam.” (p. 341). Por sua vez, Ana Seíça Carvalho perluastra “O(s) espaço(s) do exílio em *Sob o olhar de Medeia*” (pp. 369-382). A A. analisa o tratamento moderno do mito antigo, atestando, a intemporalidade da cultura clássica: tal como Medeia, a protagonista do romance de Fiama Hasse de Pais Brandão, “exilada na sua própria casa e nos seus intentos de vida”, “é uma mulher mal interpretada e incompreendida.” (p. 370). Já Maria Cristina Pimentel e Arnaldo do Espírito Santo, com o estudo “E a cidade não expulsou o poeta: ecos clássicos na obra de Léopold Senghor” (pp. 383-405), propõem-se “enunciar e analisar as alusões, ecos e influências clássicas” na obra do escritor senegalês. Norteados por este objetivo, refletem os autores sobre “a presença de Senghor em Portugal; a importância do ensino das línguas clássicas na sua formação cultural e humanista; manifestações poéticas da matriz clássica; a importância da etimologia; a função da música; o tom épico de alguns poemas; o tom de epinício; o tom de tragédia; ecos da mitologia e da história do mundo clássico (sobretudo na ‘Élégie de Carthage’ e as personagens míticas e históricas que aí são celebradas).” (383). Por sua vez, Maria Fernanda Brasete oferece-nos uma leitura dos “Indícios clássicos no conto “Os sapatos novos de Josefate Ngwertana”, de João Paulo Borges Coelho” (pp. 407-432). No conto do escritor moçambicano em análise, que é uma das cinco *estórias* que compõem

o segundo volume de *Índicos Índicios II: Meridião*, e “cuja personagem principal tem o nome Herculano”, entrelaçam-se os temas da mitologia greco-latina do *nostos* de Ulisses e dos “Doze Trabalhos de Hércules”, ao mesmo tempo que “a realidade geográfica, histórica e cultural moçambicana” surge mesclada “com a herança mítica da Antiguidade Clássica” (p. 407). Em “Reconstruyendo a Pericles. Fuentes griegas em *Pericles y Aspasia* de Millán Picouto” (pp. 433-460), María Teresa Amado Rodríguez investiga a recriação da figura do estadista ateniense durante o último ano da sua vida, que coincide com o início da guerra do Peloponeso, “tanto en su faceta pública como privada.” A A. propõe-se averiguar quais são e que tratamento dá o autor da tragédia às fontes gregas que documentam a realidade histórica sobre a qual se constrói o texto. No estudo “A retórica da palavra e do mito em cenário de guerra: Perdoar Helena, de Eurípides a José Tolentino Mendonça” (pp. 461-481), Martinho Soares procura “fazer uma análise histórico-literária da peça *Helena* de Eurípides e uma análise intertextual da peça *Perdoar Helena*, de José Tolentino Mendonça”, colocando em evidência “dois tópicos estruturantes comuns às duas obras: o seu carácter antibelicista e a influência do pensamento filosófico-sofístico.” (p. 461). O artigo “O regresso de Ulisses e a Multiplicidade de Calvino” (pp. 483-498), de Rita Marnoto, “trata o tema do regresso de Ulisses a Ítaca, considerando quer a obra de alguns/mas poetas portugueses/as contemporâneos/as, quer o episódio da *Commedia*, de Dante Alighieri. Desenvolve-se a partir do conceito de Multiplicidade, nos termos em que foi aprofundado por Italo Calvino.” (p. 483). Em “A poesia de Manuel Alegre: ecos do mito de Ulisses na contemporaneidade” (pp. 499-513), Susana Marques, reconhecendo que “a produção poética de Manuel Alegre recupera reiteradamente o mito de Ulisses para ‘dizer’ o tempo moderno e o percurso existencial do próprio autor”, procura “evidenciar afinidades e divergências entre o itinerário do poeta português e o do mítico herói de antanho, verificando que conexões se estabelecem entre as datas de redação das diversas composições e as distintas etapas da vida de Manuel Alegre.” (p. 499). No estudo “Ecos da Antiguidade na Poesia Portuguesa Contemporânea: Ulisses Plurais – memórias míticas” (pp. 515-536), Adriana Freire Nogueira examina a receção do mito do herói grego nos poemas “Ulisses”, de Jorge de Sousa Braga, “Ladainha de Ulisses”, de Nuno Júdice, e “O olhar de Ulisses”, de Bernardo Pinto de Almeida, os quais evocam memórias várias, “sejam da infância, musicais, cinematográficas, políticas ou religiosas”, assim como “a temática da “Segunda Odisseia”, em que Ulisses não se conforma com ser quem é e com o regresso a uma vida que já não é a sua, partindo para uma nova demanda identitária.” (p. 517). No artigo “Não sei se sem poemas há país. Notas sobre *Nada está escrito* de Manuel Alegre” (pp. 537-562), José Ribeiro Ferreira coloca em evidência o livro

de poesia do escritor português, marcado “pela amargura de um país que sofre e cujos poemas exprimem a ligação aos Poemas Homéricos, mas também a autores como Kavafis, numa interrogação permanente sobre o papel da cultura e dos valores humanos numa Europa consumida pela tirania económica.” No fecho deste bloco temático dedicado à receção dos Clássicos, Sandra Pereira Vinagre, com o ensaio “As mulheres Troianas da Síria” (pp. 563-583), empreende uma reflexão sobre a renovação da tragédia euripidiana *As Troianas* levada a cabo pelo dramaturgo sírio Omar Abusaada, no contexto Guerra civil na Síria e da subsequente “diáspora de todo um Povo”. Nesta recriação da peça de Eurípides, representada por atrizes sírias refugiadas, verifica-se um evidente paralelismo “entre os sofrimentos das troianas e os das mulheres sírias”, que vem confirmar “a intemporalidade e universalidade das questões colocadas nas tragédias”. (p. 563).

A derradeira secção da homenagem a Maria de Fátima Sousa e Silva congrega três estudos no âmbito da Literatura Contemporânea (pp. 585-647). No primeiro, “«Meter isto num romance»: José Saramago e a narrativização do espaço (pp. 585-599), Carlos Reis, desenvolvendo “uma análise “seletiva” que se enquadra numa tendência específica e relativamente recente dos atuais estudos narrativos”, procura “mostrar que a componente espacial de vários romances de José Saramago tende a narrativizar-se”, levando a que “as ações, os episódios históricos neles representados e as figuras que os vivem” incutam “dinamismo àquilo que deixa de ser um componente relativamente passivo (...) na construção do relato.” O A. começa por refletir, de forma muito sumária”, na ficção saramaguiana enquanto “*corpus* literário em que o espaço reiteradamente se afirma como decisivo elemento estruturante”, para, depois, centrando a sua análise na narrativização do espaço, proceder “a uma releitura de *Memorial do Convento* (1982)” (p. 585). O estudo de Maria António Hörster, “Sob o signo de Jerónimo de Mendonça e de Rainer Maria Rilke. História e poesia em *Jornada de África*, de Manuel Alegre” (pp. 601-622), indaga sobre “os grandes vetores intertextuais que travejam a narrativa” de estreia de Manuel Alegre, a saber: a crónica sebástica “*Jornada de África*”, de Jerónimo de Mendonça, e a balada *Die Weise von Liebe und Tod des Cornets Christoph Rilke*, do escritor de expressão alemã Rainer Maria Rilke. Partindo do cotejo dos dois hipotextos, a A. avalia “a importância e as diversas funções que cada um desempenha na obra de Manuel Alegre, desde os aspetos estruturais, à dimensão simbólica e comentadora.” (p. 601). Por fim, debruça-se o estudo que encerra a coletânea – “Santo António na segunda década do século XXI. Representações literárias em português e alemão (pp. 623-647), de Fátima Gil – sobre “três obras recentes de temática antoniana: *Nos Passos de Santo António* (2016) e *Por Este Reino Acima* (2020), ambas de Gonçalo Cadilhe, e ainda *Der Mann, der Verlorenen wiederfindet*

(2017), de Michael Köhlmeier.” A partir da “análise das estratégias narrativas e das convenções genológicas a que ambos os escritores recorrem, e utilizando o modelo de estudo das personagens proposto por Jens Eder (2008, 2014)”, propõe-se a A. “avaliar os modos de construção da figura de Santo António e as imagens daí decorrentes”, acabando por concluir que, “embora diferentes objetivos originem diferentes configurações, as obras confluem na apresentação de uma personagem multifacetada, cuja complexidade pode inspirar os leitores do século XXI.” (p. 623).

Em suma, saudamos a publicação desta magnífica miscelânea de estudos, sob a chancela da prestigiada Imprensa da Universidade de Coimbra, na convicção de estarmos perante um instrumento de reflexão valioso, tanto pela profusão de temas, mitos e *topoi* examinados, quanto pelo rigor científico das análises empreendidas em homenagem à docente e investigadora Maria de Fátima Sousa e Silva, a quem muito devem os Estudos Clássicos.

Emília M. da Rocha Oliveira

emilia.oliveira@ua.pt

ORCID: 0000-0002-8433-9129

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38185

Carlos Morais; Fiona Macintotosh; Maria de Fátima Silva; Maria das Graças Augusto; Tereza Virgínia Barbosa (eds.). (2023). *Greek Mythic Heroines in Brazilian Literature and Performance*. Series: *Metaforms*, Vol. 23. Leiden-Boston: Brill. 642 pp. [ISBN: 978-90-04-67847-7; 978-90-04-67846-0; DOI: https://doi.org/10.1163/9789004678477_002].

Neste recente volume 18 da coleção *Metaforms*, publicado sob a chancela da prestigiada editora Brill, procura-se demonstrar que os estudos de receção clássica sobre antigas heroínas míticas pode trazer uma nova luz sobre os mitos clássicos na literatura brasileira, e também no domínio da tradução e do contexto performativo. Composto por 26 estudos e dividido em duas partes, este livro apresenta-nos seis ensaios sobre a figura de Antígona, na Secção 1, sendo as restantes três secções da Parte 1 dedicadas a Medeia, a Electra, a Alceste e às Bacantes.

Na Parte 2, originalmente intitulada *Translating and Performing the Classics*, vários especialistas nessas áreas dos estudos de receção clássica discutem meticulosamente, nos dez capítulos que a compõem, diversas traduções, representações e apropriações dos mitos de Antígona, de Medeia e da *Oresteia*,